2.° Anno Lisboa, 18 de Janeiro de 1886 Numero 27

A Illustração Portugueza

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor etc.

SUMMARIO

CHRONICA

A respeito d'assumpto, uma perfeita miseria. O que ha — e duvido que haja algum — não chega para encher dois terços d'esta pagina, incommensuravel como os desertos da Nubia, e cujo poder absorvente é o meu *cauchemar* todos os oito dias, sobre tudo quando o indigena se compraz em não quebrar a monotomia da semana com duas facecias burlescas ou meia duzia de successos tragicos e ruidosos.

Dir-me-has, queridissima leitora alheiada ás sérias difficuldades d'esta lucta incruenta com o impossivel, que será facil encontrar na Avenida do sr. Rosa Araujo o mote para as minhas glosas semanaes, e que posso muito bem sair do embaraço, esboçando em meias tintas tudo quanto se passa á tarde, entre o almoço e o jantar do grande mundo lisboeta, á roda d'aquelle lagos tranquillos e d'aquelle ainda mais tranquillo monumento dos Restauradores, mudo e quedo na sua imperturbavel serenidade de pedra.

Mas a Avenida está longe de ser uma innovação, um producto da *jeunesse dorée* fanthasista, que todos os dias costuma ir batel-a de norte a sul, muito pimpona e sobranceira, dando-se ares de ter feito um grande achado, de ter resolvido um problema intricadissimo.

Aquillo que ali vês, muito extenso e muito plano, offerecendo-se á flanação quotidiana dos ociosos d'ambos os sexos e aos idyllios d'amor da elegancia e da burguezia indigenas, existiu sempre, inspirando os mesmos

DR. BALDY

dramas, as mesmas paixões e os mesmos romances, provocando egual pasmaceira, prestando-se aos mesmos ridiculos e a identicas scenas.

Nihil novum sub orbe.

Escusam de estar para ahi a dizer-nos que foi o sr. barão d'Oliveira quem *fez* a Avenida, depois de o *fazerem* diplomata e brazonado, a elle. Não queiram á viva força convencer-nos de que tudo aquillo sahiu do bestunto d'um *attaché* de legação e da phantasia luminosa da *fashion* moderna.

Quando nós abrimos os olhos á contemplação das maravilhas mundanas, já a obra estava feita, e, por tal signal, mais opulenta de verdura, prestando-se mais a uns poemetos d'amor, que desandaram, é certo, muitos d'elles, na prosa réles do matrimonio, mas que tinham o seu encanto e o seu sabor virgiliano, elaborados sob a coma rumorejante das acacias, a ver a plumagem branca dos cysnes deslisar á flor dos lagos crystallinos e a ouvir a algarviada dos pardaes, que brincavam, como garotos do macadam, na ramaria alta dos platanos.

Era o Passeio Publico então, o velho passeio favorito dos nossos avós, das antigas viscondessas hoje cacheticas e aposentadas, das mundanas lendarias que passaram a vida a dissipar fortunas e a enfeitiçar corações, de todo esse kaleidoscopo de typos *sui generis*, que deixaram de si uma inolvidavel memoria e que agitaram a sociedade de ha quarenta annos, dando pasto chorudo ás chronicas escandalosas.

A Avenida de hoje não passa de uma transformação da materia que constituia esse vasto mostruario gradeado, onde se exhibiam, aos domingos, todas as elegancias contemporaneas da sr.ª marqueza de Vianna e do poeta José Carlos, todos os lyrismos coevos de Soares de Passos e de Raymundo Bulhão Pato, todos os politicos coetaneos do finado duque d'Avila e do Pomada florestal.

E, em que peze aos dmiradores do extenso *boulevard* mcderno, aos que ahi lhe cantam em verso heroico a formosura e as excellencias, conferindo-lhe titulos de nobreza e consagrando-lhe phrases d'importação parisiense, sonoras como tudo que é francez, mas ridiculas como tudo quanto é postiço, o velho passeio da Baixa levava a palma, em muitas coisas, ao que, mais tarde, renasceu das suas proprias cinzas.

A gravata era um atavio indispensavel para se poder ter ingresso n'aquelle Olympo do Justino Soares e dos concertos ao ar livre. Quem não apparecesse correctamente engravatado á porta ferrea, não transpunha o limiar d'aquelle oasis. O velho guarda, um puritano em materia de compustura de *toilette*, enxotava do templo os vendilhões mal amanhados e sujos.

Hoje, não succede assim, a despeito dos ares de fidalguia que se pretende imprimir áquella arteria do progresso municipal. Quem ali fôr, na hora do grande *rendez-vous* vespertino, attrahido pelo gargalhar dos *bébés* que saltitam no *beton* enregelado, pelos olhares faiscantes das *horisontaes* que passeiam a sua impudencia e as suas amplas capas carregadas de pelles caras, ou pelas damas patricias, da fina flor da nobreza, que recordam as Marchizios, a proposito da velha *Semiramis* ha pouco desenterrada no nosso theatro lyrico, quem ali fôr áquella hora e vir a promiscuidade de trages, de typos, de phisionomias e de *toilettes* que a Avenida lhe offerece, ha de, como eu, ter saudades do Passeio defunto, o valoroso campeão da gravata, o inimigo intransigente dos *sans-culottes*, dos pés frescos e das amazonas montadas, mesmo quando essas amazonas fossem feitas á imagem e semelhança d'Elvira Guerra, o ideal da suprema elegancia sobre as ancas d'um alazão.

Já vês, cara leitora, que este devoto puritano das velharias nacionaes não pode ir, como pensavas, procurar na Avenida dos teus sonhos um assumpto novo, um modernismo recreativo, um bom dito, sequer, luminoso e scintillante, para engastar na desflorida chronica da semana extincta.

A' politica e ao parlamente não o irei tambem buscar, não. A politica é o pomo vedado das minhas palestras semanaes, entretidas sem odios nem rancores. O parlamento onde ella se fabrica, além de não offerecer novidades ao nosso espirito, nem espirito á nossa admiração, parece ter enfermado, ha muito, da mesma pécha que me viste notar ao teu passeio favorito das tardes frias e serenas: dir-se-ia que se entra ali sem gravata, como nas aléas da Avenida!

De resto, a politica está n'um periodo d'incumbação, chocando, á sombra da Carta reformada, o ovo d'onde ha de sair o ministerio redemptor, o Messias das finanças, o *deus ex machina* que salve a Parvonia da bancarrota, que junja n'um amplexo fraterno os districtos desannexados de Guimarães e Braga, que reconcilie os bracarenses com o sr. marquez de Vallada e o nobre bailío de Malta com a moral publica.

Até lá, o sr. Consiglieri Pedroso irá todos os dias requerendo ao governo que lhe despeje em cima um Niagara de documentos, e os progressistas conservar-se-hão n'uma attitude benevola, assim como quem está á espera de receber a pingue esportula governativa e não lhe convêm espantar a caça com desmandos de rhetorica compromettedora.

Onde queres tu, pois, que eu vá arrancar um assumpto? Aos bailes de mascaras semsabor, da Trindade? ás cabeças das mundanas *non sanctas*, que ahi começam a apparecer-nos, transformadas de loiras em castanhas, pelo mesmo processo chimico que as transformara de castanhas em loiras?

Não, minha boa amiga: tudo isso é *shocking*, e eu não quero que tu leias uma chronica tecida de podridões e de miserias.

Decididamente, calo-me.

CASIMIRO DANTAS.

TRAGEDIA INFANTIL

I

ELLA

Dois irmãos: a pequenita
Tem quatro annos sómente;
E' d'uma graça infinita,
D'um mimo surprehendente.

O seu corpo, que faria
O desespero de Phidias,
E' leve como a alegria,
E' doce como as orchidias.

Produzir um corpo tal,
Uma tão divina flôr,
Só o ventre maternal,
O estatuario do amor.

N'aquella bocca graciosa
Não poisa de certo a abelha,
Por saber que não ha rosa
Tão fresca, nem tão vermelha.

Seus grandes olhos rasgados
Com limpidez infantil
Parecem mesmo talhados
No azul das manhãs de abril.

Ha tempos, oh, maravilha!
Que precocidade aquella!
Nasce a Bebé uma filha
Já quasi da altura d'ella.

Quando a foram baptisar
Houve alegria estrondosa,
Serviu um banco de altar,
Serviu de hysope uma rosa.

Bebé levava o anjinho
Com maternal commoção;
O pequeno foi padrinho,
Foi cura e foi sachristão.

Mimi—eis como se chama
Essa creança innocente:
Uma pequenina dama
Que não tem cara de gente.

Não parece uma pessoa;
E' uma boneca aleijada:
Pois se Bebé fabricou-a
D'uns farrapitos, coitada!

Não tem pernas, não tem braços,
E' uma creança infeliz;
No rosto deram-lhe uns traços
Com pretenções a nariz.

Não tem cabellos doirados,
Nem bocca para comer;
Seus olhos, sempre fechados,
São de tinta de escrever.

No entanto a Bebé, que a adora,
Parece-lhe um cherubim;
Acha-a linda como a aurora...
E' mãe: as mães são assim.

Santa illusão! para ella
Que a anda a crear ao peito,
Não ha uma rosa tão bella,
Nem ha nada tão perfeito.

Que formosura!... que cinta!
A bocca vale um thesoiro;
Os olhos—borrões de tinta—
São duas estrellas d'oiro!

E' em toda a natureza
Aquillo que ella mais ama;
Jantam sempre á mesma mesa,
E dormem na mesma cama.

Quando a filha está doentinha
Véla a mãe á cabeceira;
Nunca teve uma rainha
Tão delicada enfermeira.

E que finura, que enredos,
Que geito particular,
Se os remedios são azedos
E custam muito a tomar!

Bebé, provando a tisana,
Dá com a lingua um estalo,
Murmurando, a vêr se a engana:
—Ai que docinho!... é um regalo!—

A's vezes é impertinente,
Tem rabujes, faz maldades,
Não quer dormir, não consente
Que a vão deitar ás trindades;

Bebé com mil subtilezas
Diz-lhe então contos de fadas,
Onde ha reis, onde ha princezas,
Onde ha moiras encantadas.

E ao cabo d'alguns instantes
Bebé e a filha chorosa
Sonham com anjos, diamantes
E rebuçados de rosa!

(*Continúa*). GUERRA JUNQUEIRO.

HISTORIA DA LEGIÃO PORTUGUEZA

A PASSAGEM DO BEREZINA

Estava na Lithuania o exercito, e ahi parecia que devia melhorar a sua posição. Effectivamente encontrava-se emfim em terra povoada, e povoada por gente que não era hostil, por judeus completamente indifferentes á idéa de patria, e que só procuravam ensejo de fazer bons negocios, vendendo, a peso de oiro, pão, farinha, aguardente, hydromel, e palha para os cavallos. O preço importava pouco. O dinheiro abundava n'aquelle miserando exercito, que morria de fome no meio das suas inuteis riquezas. Mas os dias passados em Dubrowna e em Orcha foram deliciosos para toda aquella pobre gente; o que não podiam já era restabelecer a ordem e a disciplina. Pelo contrario, reconfortados com aquelle descanço, não pensavam os fugitivos senão em escapar-se o mais depressa possivel. Debalde Napoleão publicava ordens severissimas; a desorganisação augmentava sempre, ora por um motivo, ora pelo motivo contrario. Tudo accelerava a ruina d'aquella immensa mole.

No meio d'este desastre enorme, os regimentos portuguezes pode-se dizer que se conservavam intactos. Pelo menos, o que os desfalcava era a morte e a fadiga, não a indisciplina. Quando o exercito francez estava em Orcha, ouviu-se de subito na rectaguarda o estridor da fusilaria. Sem saberem porque, todos clamaram: E' o marechal Ney. E era. O valente general não tardou a apparecer, no meio de um pequeno corpo de exercito, mas conservando a distancia os cossacos que o perseguiam. Instinctivamente formou-se uma columna voluntaria para correr em seu auxilio e para acclamar a sua volta; n'essa columna lá iam os dois regimentos portuguezes. Entre os soldados que protegiam a sua entrada em Orcha, e ao mesmo tempo o saudavam com o mais clamoroso enthusiasmo, pôde Ney divisar os seus Portuguezes da Moskowa, aquelles que elle dizia que collocava na vanguarda, porque tinha a certeza de que quem os seguisse seguiria sempre o caminho da honra.

Mas esta aberta de alegria e de descanso pouco durou; correu logo de boca em boca uma sinistra noticia: a praça de Minsk, onde havia viveres com immensa abundancia, fôra tomada pelos Russos, e não eram os Russos do exercito de Kutusoff, que ficava á rectaguarda; eram os Russos de um outro exercito, commandado pelo almirante Tchitchagoff, que cortara a retirada do grande exercito, e que o esperava do outro lado do Berezina, esse rio fatal, que não gelára ainda para poder sepultar nas suas aguas os desgraçados que ainda tinham escapado com vida, á fome, ao ferro, e aos gelos do inverno russo.

A fome voltou com todos os seus horrores, e o mau tempo recrudesceu. Caia neve com abundancia, e as rações faltavam absolutamente. Passavam-se scenas dolorosas. Quem tinha um pedaço de carne de cavallo precisava de a defender á viva força contra os famintos que o assaltavam, tambem de espada em punho. Theotonio Banha teve a generosidade de repartir a sua ração com o general Gomes Freire de Andrade, que não via desde muito, e que lhe pediu, quasi por amor de Deus, um pedaço de carne de cavallo.

Tinha-se chegado ao Berezina. Affluiam de differentes pontos as reliquias do grande exercito, as forças que tinham ficado a cobrir as communicações, e que tambem estavam dizimadas, apesar de não terem padecido as torturas e as privações da retirada. Entre essas tropas vinha o 3.º regimento de infanteria portugueza, agora 2.º, porque dos dois primeiros se tinha feito um só. O commandante d'este corpo, Manuel de Castro Pereira, comprehendera o seu dever de um modo diverso do que o tinham comprehendido os seus camaradas. Estes tinham entendido que deviam servir com fidelidade o imperador, e seguir a sua bandeira; Manuel de Castro entendeu que devia fazer todos os esforços para passar ao inimigo. Oudinot, commandante do corpo de exercito em que elle servia, comprehendeu as suas intenções e acautellou-se. Absteve-se de empregar o regimento e foi assim que Manuel de Castro Pereira chegou ao Berezina com setecentos e setenta homens, emquanto os outros regimentos apenas contavam umas cem praças de cavallaria, oitenta soldados e quatorze officiaes de infantaria.

Tambem chegou então a guarnição de Mohiloff, commandada pelo marquez de Alorna, que trazia comsigo abundancia de viveres, o que se não esqueceu, na distribuição, dos seus portuguezes.

Napoleão comprehendeu que era chegado o momento supremo e critico da retirada, e por isso desenvolveu todo o seu genio e toda a sua actividade para salvar o exercito. A fatalidade, comtudo, perseguia-o. Começou admiravelmente, illudio por tal forma os Russos, que, concentrando estes as suas forças para lhe impedirem a passagem do Berezina em Borisow, veio elle passal-o em Weselowo. Construiram-se as pontes e o exercito começou a desfilar, emquanto o general Legrand entretinha o inimigo em Borisow.

Mas juntamente com os soldados arregimentados passavam a ponte os que formavam uma confusa massa desordenada, e as

mulheres, que tinham acompanhado o exercito em grande numero, e que eram agora tratadas com uma indifferença e com um desprezo, que causavam horror áquelles que não tinham ainda a sensibilidade completamente embotada por todos or tormentos que tinham soffrido. E houve momentos, comtudo, em que esses mesmos, obedecendo ao sentimento cruel e dominador da salvação, praticavam ainda horrores peiores do que os que censuravam nos outros.

Foi o que aconteceu nas pontes. Essa multidão confusa agglomerava-se por tal forma e tornava-se de tal modo espessa, que á tarde as tropas armadas já abriam caminho brutalmente; ás oito horas da noite os Portuguezes e os regimentos que marchavam com elles abriam caminho de espada na mão, á cutilada. E os infelizes não resistiam! Mas isto era ainda um tenue preambolo dos horrores que se seguiram.

A noite foi nevosa e frigidissima. Os Portuguezes, acampados junto da guarda imperial, viam ao longe, mas ainda assim já bastante proximo da margem que tinham deixado, as innumeras fogueiras russas. Essa linha de fogo indicava a presença do exercito de Kutusoff, que os perseguia desde Moscou.

Ao romper da manhã ouviu-se na margem em que já estavam, mas ainda longe, o estrondo do canhão. Era o exercito do almirante Tchitchagoff que percebera emfim que fôra enganado por Napoleão e que tratava de reparar o seu erro. E uma grande parte do exercito francez estava ainda do outro lado!

A passagem accelerou-se, as tropas francezas que estavam já na margem direita do Beresina sustentavam-se brilhantemente, e cobriam por conseguinte o movimento do resto do exercito; mas ás nove horas da manhã abateu uma das pontes, exactamente a que servia para a passagem da artilheria e da cavallaria. Uma e outra refluiram para as restantes pontes, e então é que não houve misericordia com a massa dos desarmados. A cavallaria, de espada em punho, distribuia cutiladas para a direita e para a esquerda, e pisava os que caiam debaixo dos pés dos cavallos; as peças não rodavam já senão sobre corpos humanos. Um immenso numero d'esses infelizes procurou a salvação nas aguas meio geladas do Berezina, e não encontrou senão a morte. O exercito de Kutusoff, já bastante proximo, arrojou algumas bombas para cima d'essa turba, e augmentou assim o terror, a desordem, o tragico horror da situção.

E entretanto, o marechal Victor via-se obrigado a retirar diante do exercito de Tchitchagoff, lentamente e em perfeita ordem. A artilheria da guarda imperial, fazendo um fogo bem sustentado, fez recuar os Russos, mas os dois exercitos moscovitas já se podiam avistar, era necessario por conseguinte que o exercito francez não esperasse nem mais um instante, porque podia ser todo lançado ao rio. Por isso, apenas a ultima divisão do general Girard, que formava a rectaguarda, passou a ponte, queimou-a logo, e os que estavam na margem direita poderam ver os cossacos de Kutusoff cercar a multidão confusa que ainda lá ficára do outro lado, e leval-a arrebanhada para junto de uma collina. Era população para a Siberia!

Entre esses innumeros prisioneiros, ficara tambem uma parte dos regimentos portuguezes, que não quizera passar o rio na vespera, por causa da confusão qne havia nas pontes, que não póde passar depois, e que ficou por conseguinte entre os prisioneiros!

Felizmente o exercito do almirante foi corajosamente repellido, e os Francezes poderam continuar a retirada, seguidos apenas pelos Cossacos.

Durante as marchas que se seguiram á passagem do Berezina é bello ver o effeito que os Portuguezes mostravam sempre uns pelos outros, no meio do egoismo geral.

Assim, na passagem de um riacho semi-gelado, cairam ao rio oito soldados da cavallaria portugueza. Correram a ajudal-os, e conseguiram salvar dois, um soldado e o sargento Jordão. Havia pouco quem pensasse então em salvar os camaradas.

Encontrou-se um capitão do 3, regimento que estivera de mais a mais sempre separado dos outros. Bastou conhecerem que era portuguez, para repartirem com elle tudo quanto tinham, e o pobre official, reconfortado e a chorar, dizia que «só em peito portuguez podia achar tanta generosidade.»

Ao pé de Molodestchin encontram Gomes Freire quasi moribundo, e encostado ao braço do tenente Ribeiro, do regimento commandado por Pego. Todos se agrupam em torno d'elle, e, como na villa em que entram encontram felizmente alguns recursos, tratam primeiro do general do que tratam de si, e Gomes Freire pode deitar-se n'uma cama bem fôfa, e tomar um caldo de gallinha, como se estivesse na sua casa em Portugal, isto no meio da retirada da Russia!

Eram bem poucos comtudo. Em torno de Gomes Freire se reuniram os Portuguezes que restavam. Não eram mais de cento e cincoenta.

Pois os seus trabalhos e angustias não tinham terminado ainda. Muitos haviam de ser engulidos por aquelle solo gelado e fatal.

Pinheiro Chagas.

MUSAS HESPANOLAS

(De Manuel Reina)

A musa de Espronceda

Alma sublime e corpo de bachante;
Amorosas e lubricas risadas;
Nos labios o sarcasmo penetrante,
E nas mãos setinosas, delicadas,
Um coração ferido e palpitante!

A musa de Campoamor

E's uma deusa d'hoje, caprichosa,
Que d'um fugaz amor os céus perfumas;
Risonha, amante, pérfida e formosa,
Tu és feita de neve e côr de rosa
Como Venus saindo das espumas!

(Versão de *Fernandes Costa*)

D. MARIA DE LARA E MENEZES

(1610–1649)

Nascida em berço doirado, o que não accrescenta nem diminue favor perante a critica, outras circumstancias da vida de D. Maria de Lara a tornam por tal modo sympathica, que seria da minha parte culpa imperdoavel não me alongar escrevendo a seu respeito, saudando n'ella a amante dedicada, a poetisa harmoniosa, a mulher que soube sempre conservar-se á altura dos seus varios e contradictorios destinos.

D. Maria de Lara foi inquestionavelmente uma verdadeira poetisa, uma mulher como todas o deviam ser, com o coração lealmento aberto ao amor; altiva perante a desgraça; humilde na manifestação dos seus intimos pensamentos; fidalga ao affrontar os desdens da orgulhosa duqueza de Bragança, D. Luiza de Gusmão; christã resignada ao escrever o livro das suas «Saudades» e d'ellas morrendo aos trinta e nove annos de edade, setenta e dois dias contados depois do passamento do heroico principe a quem para sempre ligára a sua sorte, dando-lhe a mão de esposa. (a)

Não, ha talvez, em toda a Historia de Portugal uma figura de mulher que melhor se preste á urdidura de um drama, ou a ser a protogonista de um poema, como a figura da formosa filha de João Paes o Velho de Menezes e Albuquerque, fidalgo beirão, e de sua mulher D. Joanna de Lara, filha legitima do duque de Villa Real, D. Manuel de Menezes.

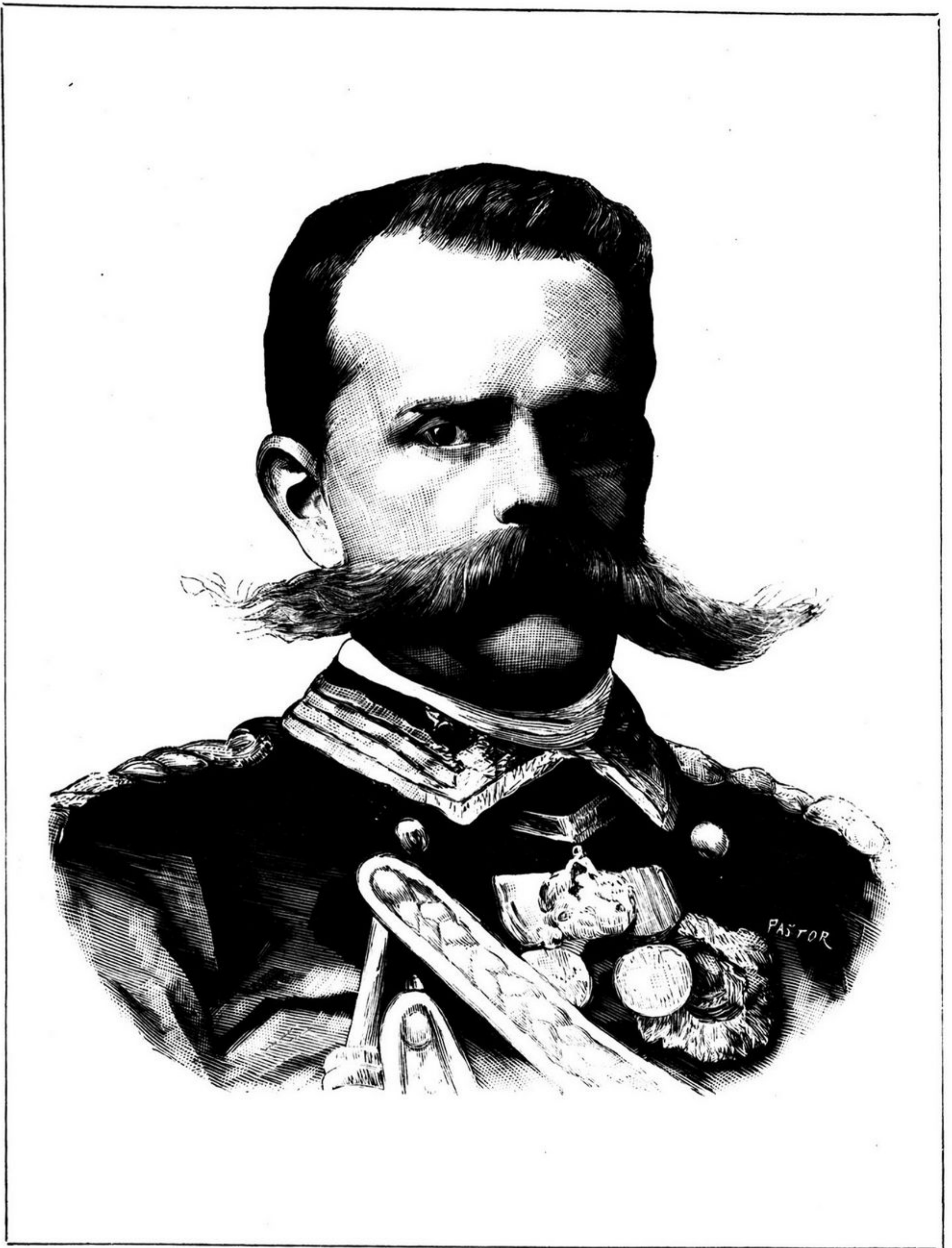
Esquivo-me, sempre que posso, a indagações genealogicas, mal cabidas em um livro que leva differente rumo, e se inspira a outros intuitos, mas furtar-me d'esta vez a fazel-o seria sonegar ao publico os elementos necessarios para poder julgar dos merecimentos de D. Maria de Lara, das suas senhoris perfeições, e da sua comprovada grandeza d'alma.

A vida da poetisa anda de tal modo ligada a algumas das mais significativas paginas da nossa historia nacional, que desprendel-a d'ellas seria accrescentar uma nova injuria á memoria da gentil peccadora que, quer nos paços ducaes de Villa Viçosa, como na solidão dos conventos das Chagas e de Santos; quer nas louçanias e esplendores da côrte, como no remanso do seu gabinete de estudo, timbrou sempre em conservar-se egual a si mesma, honrando com a sua constancia e com as suas lagrimas, a desgraça do principe seu amante.

Nunca o poderio e esplendor da casa ducal de Bragança subira mais alto do que depois da desastrada batalha de Alcacer-Kibir, em que tomára parte, ficára ferido na cabeça o duque D. Theodosio, a quem os Filippes, por um resto de pudor, honraram sempre como a soldado valente, deixando-o na posse segura, senão accrescentada, dos seus dominios senhoriaes de Villa Viçosa.

Morto D. Theodosio em 1630, ficou a casa representada na

(a) O paciente e talentoso escriptor, sr. Ramos Coelho, official da Bibliotheca Publica, e vantajosamente conhecido nas letras patrias, anda de ha muito procurando os elementos indispensaveis para escrever uma historia da vida, acções, prisão e morte do infante D. Duarte.

Com a maior sollicitude e escrupulo, tem o sr. Ramos Coelho procurado achar as provas com que fundamentar o seu trabalho historico, sendo até hoje infructiferas as suas indagações com relação ao casamento do infante D. Duarte com D. Maria de Lara e Menezes. Os genealogistas guardam o mais profundo silencio a tal respeito, e nas bibliothecas não se encontra o mais leve indicio contemporaneo d'este importante acto da vida do infante. Apesar de tudo creio poder concluir-se da leitura dos livros de D. Maria de Lara que ella foi realmente casada, bastando para confirmar esta asserção a leitura dos documentos annexos ao tomo IV da «Historia de Portugal» de Schœffer.

O REI HUMBERTO I, DE ITALIA

pessoa de seu filho primogenito D. João VII, duque de Bragança, depois rei de Portugal com o titulo de D. João IV, que nos seus paços ducaes continuou residindo em companhia dos seus dois irmãos, o infante D. Duarte e D. Alexandre, não chegando este, por haver fallecido em 1637, tres annos antes da acclamação de D. João IV, a figurar no reinado de seu irmão, na hierarchia correspondente ao seu nascimento.

Nasceu o infante D. Duarte em 1605, sendo accordes todos os historiadores contemporaneos em o dizerem dotado de gentil presença, bisarro talho e trato, seductor; prendas acrescidas por uma intelligencia cultivadisssima, e tão notaveis instinctos militares, que lhe grangearam mais tarde a fama de ser um dos primeiros generaes do seu tempo (b) merecendo ser conhecido pela sympathica designação de *pae dos seus soldados*, qualidade que Voltaire cantou na *Henriada*, como um dos primeiros predicados da gloriosa vida de Henrique IV.

Este foi o homem, de quem logo narrarei de relance a vida attribulada, que soube captivar o juvenil e ardente coração de D. Maria de Lara, nascida em 1610, e confiada aos cuidados de seu tio, o duque de Caminha, que, por fallecimento de sua esposa, a duqueza D. Izabel, que dez annos a tivéra em sua companhia, a recolheu no mosteiro das Chagas, de Villa Viçosa, projectando casal-a mais tarde com seu sobrinho D. Miguel, depois herdeiro do seu titulo, barbaramente degolado aos 27 annos, sem mais culpa, ou antes pela virtude de não haver delatado seu pae, accusado do crime, dizem as chronicas, *de ter a vontade inclinada a Castella!*

Pelo desastrado fim que veio a ter o duque de Caminha, escolhido por seu tio para marido de D. Maria de Lara, se vê a ruim estrella que presidia aos destinos da formosa enclausurada, que lastimas não menores teria pelo correr do tempo que deplora com o exilio, prisão e torturas, que tudo lhe foi morte lenta, soffridos com heroica resignação pelo infante D. Duarte, o escolhido de seu coração, (c) com quem veio a casar em Vienna d'Austria, a 24 de junho de 1635, por procuração passada a D. Filippe de Guevara, a 20 de dezembro de 1634, filho do embaixador castelhano conde de Uñate, que o infante, para o mesmo fim, enviára tambem expressamente a Portugal. (d)

Mas não antecipemos os acontecimentos. Da «Noticia» escripta por Felix Machado, por ordem do duque de Cadaval, que lh'a transmittira em nome d'el-rei, em 1705, e que, para desempenhar-se conscienciosamente do encargo, consultára directamente não só o duque de Cadaval, D Nuno, como tambem os condes de S. Vicente e de Sargedas, consta que todos protestaram ser verdade, pelo ouvirem dizer a seus pais e avós, que pessoalmente haviam conhecido D. Maria de Lara, *que a ella chamavam a Peregrina, por ser em extremo formosa e discreta, e que era dotada de bellas perfeições, concorrendo para isto as bellas partes que tinha de saber latim, francez, e poesia, de quem as obras correm em nome de outros auctores, como são as* «Saudades de Ignez de Castro, (e) *e outros*.» A inquirição acrescenta que D. Maria de Lara cantava singularmente a solfa, que tinha aprendido no mosteiro das Chagas, de Villa Viçosa, para onde, como já vimos, entrára sendo creança. No depoimento das testemunhas a que me refiro, diz-se ainda que D. Maria de Lara não tomára o habito, nem professára, por que tendo-a o duque D. Theodosio tomado debaixo da sua protecção, algumas vezes a trazia para fóra do convento, para espairecer nos jardins dos paços de Villa Viçosa, onde o infante D. Duarte se tomára de amores por ella. (f)

Por este tempo tinha o infante D. Duarte 27 annos, e apenas 22 D. Maria de Lara, a *Peregrina!* Analogia de caracter, conformidade de nascimentos, tentações da edade, por um lado; pelo outro ambições de renome e de gloria, tudo isto acariciado e protegido pelas sombras dos arvoredos das tapadas ducaes, e pelos perfumes dos jardins, onde o incauto duque D. Theodosio trazia a sua pupilla a desenfastiar-se das tristezas claustraes, tudo isto devia dar, e com effeito deu, os seus resultados naturaes, vendo-se D. Maria de Lara mãe, aos 25 de abril de 1632, recrescendo a paixão da parte do infante, e n'ella a conformidade que nunca a abandonou nos lances mais apertados da vida, por tão seguros se tinham os dois amantes na reciprocidade dos seus affectuosos juramentos. O que ella então pensava e sentia, parece havel-o traduzido mais tarde n'esta bellissima estrophe das *Saudades de Ignez de Castro:*

> Succede á primavera o secco estio,
> A' serena manhã tarde calmosa,
> Seja manso regato, quem foi rio,
> Sejam seccas reliquias, quem foi rosa:
> Seja, quem cravo foi, cadaver frio,
> Seja, quem foi jasmim, cinza olorosa,
> Seja tudo á mudança emfim sujeito,
> Que amor firme será dentro em meu peito.

E' licito conjecturar que o infante visse por esse tempo a D. Maria de Lara mais pelos olhos carnaes do que pelos do espirito, antepondo a mulher á poetisa, e vendo n'ella não a futura cantora das magoas de D. Ignez de Castro, mas antes a propria Ignez, que nunca mais gemeas fez a natureza duas mulheres uma da outra.

Em uma carta que resta de D. Maria de Lara, datada de 30 de dezembro de 1634, e dirigida ao infante D. Duarte, remettendo-lhe o livro das «Saudades de D. Ignez de Castro» escreveu ella graciosa e delicadamente: «*Assim para que veja que já antigamente havia taes finezas* (g) *me servi de tais provas a seu gosto, e no tempo que tem passado entre a nossa absencia acabei aquellas oitavas das* «Saudades de D. Ignez de Castro» *que já cantou Camões no canto terceiro, para que saiba que n'ellas havia assento para as presentes; ahi lh'as mando em duas partes de 70 oitavos cada uma, emendando o preciso no estudo da sua recreação, que a lembrança das minhas magoas fez acabar como desejo, e offerecer-lhe aquellas de que gostava vêr fim.*»

E offerecer-lhe aquellas *de que gostava vêr fim*, mas que nunca tal fim tiveram, coitada! senão quando de todo se lhe esfolharam, advinhadas pelo coração que lhe dizia estarem para pouco as do pobre captivo do castello Milão! (h)

(Conclue) L. A. PALMEIRIM.

(b) Conde da Ericeira—«Portugal Restaurado» Rebello da Silva: «Historia de Portugal» nos seculos XVII e XVIII.»

(c) A prisão soffrida pelo infante D. Duarte em Milão, por exigencias de Castella, vem minuciosamente narrada na «Historia de Portugal, nos seculos XVII e XVIII» por Rebello da Silva, que de auctores coevos trasladou para o seu livro os longos e doloridos incidentes, que só tiveram fim com a morte do heroico principe, que a diplomacia tortuosa do tempo sacrificou aos problematicos interesses de uma dynastia ambiciosa.

(d) Estas e outras muitas curiosas informações foram laboriosa e honradamente collegidas por Antonio Joaquim Moreira, official da secretaria da Academia Real das Sciencias de Lisboa, com o titulo de «Traslado das mercês que se fizeram aos descendentes do infante D. «Duarte, irmão d'el-rei D, João IV; e provas authenticas da sua des«cendencia, tiradas por Felix Machado de Mendonça Eça Castro e Vas«concellos: tudo addicionado com algumas illustrações e notas.» Sahiu este trabalho publicado no tomo IV da «Historia de Portugal» de Schœffer, vertida em portuguez por José Lourenço Domingues de Mendonça, nota (oo) paginas LVII, e seguintes A «Historia de Portugal» de Schœffer, traduzida do allemão por Rodin, e d'este idioma para portuguez por Lourenço Domingues de Mendonça, ficou, por falta de assignantes, no tomo XIII.

Innocencio da Silva chama-lhe: «Um bem provido armazem, ou «repositorio de factos e documentos, ineditos uns, e pouco sabidos «outros.» Os que se referem ao infante D. Duarte, e a D. Maria de Lara, estão n'este caso.

(e) O livro das «*Saudades de D. Ignez de Castro*» foi attribuido por Barboza, no II tomo da «*Bibliotheca Lusitana*» a Francisco Morato Runa, e no tomo III da mesma *Bibliotheca*, a Manuel d'Azevedo Morato. O livro de que se trata foi impresso sem nome de auctor, com o titulo de «*Sentimentos de D. Pedro e D. Ignez de Castro*» no tomo I da «*Fenix Renascida*» e com igual titulo reproduzido no tomo I do «*Postilhão d'Apolio*» pg. 171 a 218, mas dizendo-se ser de Manuel d'Azevedo Pereira! Em Coimbra tinha o livro sido impresso em separado, em 1734, em formato 16º, inculcando-se como auctor João Lopes da Rocha! A verdadeira auctora, ao que parece, é D. Maria de Lara e Menezes. A ultima edição do livro das «*Saudades de D Ignez de Castro,*» foi feita em 1824.

(f) Na Junta, como lhe chama Felix Machado, que se reuniu para averiguar da verdade dos factos concernentes a D. Maria de Lara, veem indicados os nomes dos fidalgos que pessoalmente a conheceram.

(g) Tinha-lhe anteriormente enviado, transcripto do tomo III das Obras de Camões, o soneto 212, que termina:
«Na lingua o nome, e n'alma a vista pura.»

(h) Foi á morte do infante D. Duarte, que Duarte Ribeiro de Macedo dedicou a canção que principia:
«Esta de Portugal tragedia augusta» em que allude ás prendas de soldado, e ás qualidades cortezãs do infante.»

OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 25)

II

O irmão da condessinha

Era a abbadessa.

Parou á porta, um pouco admirada do silencio que de repente se fizera á sua entrada. Olhou desconfiada para os dois, a quem a sua presença fizera calar.

Roberto, ao sentir aquelle olhar, fez-se muito encarnado, poz os olhos no chão, e ficou com a apparencia d'um criminoso surprehendido em flagrante.

A governante foi quem salvou a situação. Muito desembaraçada, muito senhora de si encaminhou-se logo para a grade, de que se aproximava lentamente a abbadessa, olhando-os com insistencia.

—Tem muita demora ainda a menina? perguntou ella o mais naturalmente do mundo. Estou com cuidado, ou antes estamos, eu e o sr. Roberto, que o sr. conde tenha peiorado e que infelizmente a filha lhe chegue tarde.

—Ah! exclamou a abbadessa, em tom de quem acreditava pouco o que lhe diziam, então o sr. conde está tão mal como isso?

—Sabe perfeitamente que estas syncopes repentinas podem ser gravissimas, sobre tudo nas pessoas fortes, sanguineas, como é o sr. conde.

—E depois, na edade de meu pae, acrescentou Roberto para se dar *contenance*, a gravidade é maior ainda...

—Pois a menina já está prompta, e eu vinha dizer-lhes que tivessem a bondade de descer, que ella lá vae ter a baixo, pela porta da roda.

—Passe v. ex.ª muito bem, minha senhora, despediu-se a governante dirigindo-se para a porta.

Roberto fez um comprimento silencioso, e quando ia já quasi a sahir, a abbadessa chamou-o:

—Sr. Roberto...

—Minha senhora...

—Peço-lhe o favor de quando chegar a casa me mandar dizer pela pessoa que acompanha sua irmã, o estado em que encontrar seu pae. Sou muito amiga de s. ex.ª, sou-lhe devedora de muita gratidão, eu e as minhas irmãs, e fico com muito cuidado.

—Eu mandarei dizer a v. ex.ª como elle está

Quando chegaram a baixo, ao claustro do pateo, já lá o esperava Elisa e a mestra de piano.

Elisa, toda vestida de preto, o lucto pesado de sua mãe, tinha os olhos vermelhos e inchados de chorar.

A sua *toilette* fôra uma *toilette* de lagrimas. O sobresalto da sahida do convento assim repentina, inesperada, que vinha quebrar de repente o ramerão usual da sua vida tranquilla, monotona, d'essa monotonia a que já estava habituada e em que encontrava até certo encanto, o cuidado no que teria seu pae, se seria uma doença grave, e ao mesmo tempo as saudades da sua querida companheira, a Clarinha, a quem ia deixar, Deus sabia por quanto tempo, e que estava ali, ao pé d'ella, a chorar como uma Magdalena, tudo isso lhe fez d'esse momento de sahida do convento, que para muitas no seu caso seria um momento de alegria enorme, um momento de tortura infernal

Com Elisa vinha a mestra de piano, uma creatura medonha, com a cara cheia de pello como uma feiticeira de velho Sabbat ou uma corista de S. Carlos, olhos pequenos, velhacos, strabicos, nariz adunco, um monstro feminino, se é que tinha sexo definido, e que a abbadessa escolhera de proposito pela cara para vir occupar no convento o logar da mestra de piano, que fugira com o capellão.

Roberto não poude dominar um gesto de repulsão ao ver a creatura monstruosa que acompanhava sua irmã. A governante olhou para elle com um certo sorriso e dando um *shake-hands* a Elisa, perguntou-lhe:

—Esta senhora é que é a sua mestra?

—Sim senhoga, respondeu a mestra gaguejando, com a voz mascula d'um baryteno desafinado.

Á porta do convento estavam duas carruagens, uma caleche que conduzira a governante, e o coupé em que fôra Roberto.

Elisa, a governante e a mestra de piano entraram para a caleche, Roberto metteu-se no seu coupé, e os dois trens seguiram rapidamente para casa do conde.

Elisa debruçou-se muito pela portinhola, dizendo adeus com um lenço para uma das janellas gradeadas do convento, por detraz da rotula, da qual sabia que estava dizendo-lhe adeus tambem e chorando a sua boa Clarinha.

III

A doença do conde

Era um bello palacio a Buenos Ayres a casa onde vivia o conde. Grandes salas, quartos enormes, bem arejados e ornamentados com um grande luxo, uma casa de jantar esplendida abrindo para um parque magnifico; ninguem diria que aquella casa toda, montada com uma elegancia carissima, era a casa de um viuvo, que não recebia ninguem, que vivia sósinho, retirado de festas e separado voluntariamente de seus filhos, uma formosa rapariga que era já quasi uma senhora, e que passava no convento a sua mocidade radiante; um bello rapaz que vivia sósinho longe da patria e da familia, e que lhe podiam ambos fazer tão alegre a vida, animar lhe tanto aquella casa solitaria e triste.

O palacio era dividido em dois pavimentos. No primeiro, quasi subterraneo para traz, ficavam as cosinhas, as dependencias, os quartos dos criados: em cima, no mesmo plano do parque, havia á frente as grandes salas, e da banda de traz, abrindo para o parque, a casa de jantar, o gabinete de trabalho do conde, o seu quarto de dormir, e pegado a elle os aposentos da governante, nada menos que tres bellas salas, uma de *toilette*, outra de serão, e outra de dormir.

Essas tres eram todas abertas, a seguir, e terminavam pelo quarto de dormir, que ficava paredes meias com o quarto do conde, com o qual communicava por uma pequena porta intima, mandada abrir expressamente por elle, para ter sempre á mão quem lhe podesse acudir de noite, se fosse accommettido por qualquer enfermidade.

—Na minha familia, dizia ao conde ás raras visitas que frequentavam mais intimamente sua casa, na minha familia, a apoplexia é a morte de todos os homens: meu pae, meu tio e meu avô, morreram todos de repente, e por isso eu preciso estar de pé atraz, preciso de tomar todas as providencias para os casos inesperados.

(Continúa) GERVASIO LOBATO.

AS NOSSAS GRAVURAS

MEDICOS ILLUSTRES

DR. BALDY

Chamavam-lhe em Lisboa o «medico dos pobres», e nunca titulo algum foi tão bem dado, e nunca outro cognome foi tão justamente conferido.

Os parias, os humildes, os engeitados da sorte, os mais pobres, os indigentes, os famintos, aquelles que vivem e morrem na promiscuidade anonyma, de que se nutre a valla commum, tinham a certeza de que, ao soltarem o primeiro grito de dôr, ao pronunciarem a primeira palavra, o dr. Baldy estava ao seu lado, disputando-os á morte, sacrificando n'essa renhida peleja o repouso, a saude, a vida, amparando-os com o seu braço valedor, envolvendo-os na ineffavel e suavissima misericordia da sua alma generosa, curando-os, consolando-os, soccorrendo-os.

As esmolas que, consoante o preceito evangelico, a sua mão direita espalhava, ignoradas pela mão esquerda, distribuidas na sombra, occultas no mysterio, que se retrahe ás ostentações philantropicas, podem hoje contar-se pelas lagrimas dos pobresinhos, dos orphãos d'esse pae dos indigentes, lagrimas santissimas, no fio diamantino das quaes a alma d'elle subiu para o ceo.

As creanças, os frageis corpinhos de lyrio, que um sopro desfolha, os doentes mais difficeis de curar, porque não sabiam elles explicar ao medico o mal de que soffrem, eram um dos grandes triumphos clinicos do dr. Baldy.

Dir-se-ia que uma ignota attracção, um laço sympathico, o laço do amor e da bondade, identificava a alma do justo com a alma das creanças.

Elle entendia-as, fallava-lhes na doce, terna e pueril imagem, de que só as mães possuem o segredo; ellas deixavam-se tratar pelo seu amigo obedeciam-lhe, sorrindo se, beijando-o, e, na convalescença, faziam o que seus paes desejavam poder fazer, penduravam-se-lhe ao pescoço, adormeciam-lhe nos braços, acompanhavam-o á carruagem, agradeciam, na candida effusão dos seus coraçõesinhos immaculados, a vida que elle lhes salvára.

Quantos paes e mães devem ao grande medico a vida de seus filhos?

*

O consultorio do dr. Baldy era na pharmacia Barreto, na rua do Loreto.

O benemerito medico não deixava, por caso algum, de comparecer no consultorio, da 1 ás 2, e das 5 ás 7 da tarde.

A botica enchia-se até a porta; mulheres, creanças, velhos agrupavam-se, e todos eram egualmente attendidos, confortados nas suas ignoradas miserias, curados e beneficiados pelo incomparavel medico, que, depois de receitar, pagava a receita, levando a expansão da caridade, o amor do proximo, a ineffavel piedade que inundava a sua grande alma compassiva, até ao extremo de applicar elle proprio os remedios!

Depois de uma enfermidade, que se prolongou por espaço de um mez, o dr. Baldy succumbiu quasi de repente, sem agonia, resvalando serenamente para a eterna noite do tumulo, como serenamente vivera, desviado do conflicto das ambições que provocam odios e malquerenças, e cercado de bençãos.

O grande bemfeitor da humanidade, o illustrado clinico, agraciado com varios diplomas de Academias nacionaes e estrangeiras, o elegante prosador, cujos artigos tantas vezes honraram as folhas periodicas, morreu no dia 17 de dezembro ultimo, ás 4 1/2 horas da tarde, deixando immersa na dor, que nenhum balsamo poderá suavisar, a sua extremosa familia, os seus numerosos amigos, e os seus filhos adoptivos, os pobres.

O numeroso e desolado cortejo que acompanhou ao cemiterio o cadaver do doutor Baldy, as solemnes manifestações feitas á sua honrada memoria, provam-nos que, n'esta epoca utilitaria, egoista e descrente, a Bondade é sempre uma religião, diante da qual todos se curvam.

O REI HUMBERTO I, DE ITALIA

Humberto-Carlos-Emmanuel-João-Maria-Fernando-Eugenio nasceu a 14 de março de 1844. Filho de Victor-Emmanuel, foi ini-

ciado, ainda bem moço, por seu pae, na vida militar e nas arrojadas combinações de uma politica fecunda em resultados patrioticos.

O joven principe militou, desde 1859, ao lado do grande rei, na guerra da Independencia.

Na obra audaciosa da reorganisação italiana, teve o principe Humberto uma parte importantissima. N'essa empreza heroica coube-lhe, designadamente, a reorganisação do antigo reino das duas Sicilias, e em julho de 1862 compartilhou em Napoles e Palermo a popularidade do grande caudilho Garibaldi.

A 9 de janeiro de 1878, no proprio dia da morte de Victor-Emmanuel, foi Humberto acclamado rei de Italia. No manifesto, que por essa occasião dirigiu ao povo italiano, o joven monarcha compromettia-se «a seguir todos os exemplos de dedicação pela patria, de amor ao progresso e de fé nas instituições livres, que são o orgulho da casa de Saboya.»

A 17 de novembro, por occasião de uma viagem a Napoles, o rei Humberto esteve para ser victima do punhal de um furioso que o accommetteu na propria carruagem real. A dedicação e sangue-frio do presidente de conselho de ministros, Benedetto Cairoli, salvaram o rei, que manifestou por essa occasião uma serenidade admiravel. Passanante, que assim se chamava o auctor d'esta criminosa tentativa, foi immediatamente preso.

A noticia d'este attentado produziu em toda a Europa grandes manifestações de sympathia a favor do rei Humberto. Foi então que o filho de Victor-Emmanuel poude aquilatar os sentimentos da nação a seu respeito, e conhecer que tinha bem seguro o throno, porque se escudava no amor e dedicação da grande familia italiana.

Ha um facto bem caracteristico no magnanimo coração do monarcha italiano. Depois de longas discussões sobre o estado mental de Passanante, o reu, considerado afinal um criminoso confesso e não um allucinado, foi condemnado á morte. O rei Humberto, porém, commutou-lhe a pena de morte na de trabalhos publicos perpetuos.

A 22 de abril de 1868, Humberto casou com sua prima, a princeza Margarida-Maria-Thereza-Joanna de Saboya, que nascera a 10 de novembro de 1851, e era filha do fallecido duque de Genova, Fernando, irmão de Victor-Emmanuel.

Esta alliança foi muito bem recebida pela nação italiana. A Princeza Margarida possue em grau eminente as virtudes tradicionaes das princezas de Saboya. E' o anjo tutelar da monarchia n'aquelle paiz.

O PALACIO DA BOLSA DE BRUXELLAS

No principio do anno de 1874 foi aberto á circulação, em Bruxellas, o novo *boulevard* denominado *Central*. O principal edificio d'este *boulevard* é o da nova Bolsa, representado na nossa gravura. E' de fórma rectangular, tendo 100 metros de comprimento por 50 de largo. O estylo é mixto. O architecto soube alliar os typos de varias epocas; o ferro harmonisa-se com a pedra, formando uma esplendida sala, das maiores da Europa. A esculptura ornamental é riquissima. O frontespicio representa a cidade de Bruxellas, rodeada de grupos de figuras allegoricas: a Industria, a Agricultura, a Paz, a Navegação, a Pintura, o Commercio, etc. A sala principal, que tem a fórma d'uma cruz latina, é magnifica. A cupula é sustentada por doze columnas corinthias, de estuque cinzento-encarnado, emquanto que as gallerias assentam sobre columnas imitando porphyro vermelho-escuro. O chão é uma obra prima de mosaico, executado por italianos.

ESTATUA DE LUIZ DE CAMÕES

A pedra fundamental d'este monumento foi lançada no dia 28 de junho de 1862, e só em 9 d'outubro de 1867 é que se inaugurou a obra.

O pedestal do monumento tem 7m,48 d'altura, sobre quatro degraus, com um sócco onde assenta uma grade de ferro. Nos angulos levantam-se oito plinthos, nos quaes estão collocadas as estatuas do chronista Fernão Lopes, do cosmographo Pedro Nunes, dos historiadores Gomes Eannes d'Azurara, João de Barros e Fernão Lopes Cantanheda, e dos cantores das nossas glorias navaes, Vasco Mousinho de Quevedo, Jeronymo Corte Real e Francisco de Sá Menezes.

Cada uma d'estas estatuas mede 2m,40 d'altura.

Na face principal estão as armas reaes portuguezas como as usaram D. João I e seus successores até D. Sebastião.

Todo o monumento tem d'altura 11m,48. O pedestal e estatuas custaram 38:000$000 réis. São obra do distincto esculptor portuguez, Victor Bastos.

A estatua de Camões foi feita de peças antigas de bronze, que havia no Arsenal do Exercito, avaliadas em 1:700$000 (de peso). Tem 4 metros d'altura.

CASA DA CAMARA NA CIDADE DE PELOTAS

Pelotas é a personificação verdadeira do imperio do Brazil. Era hontem uma aldeia, é hoje uma cidade.

Cresceu a olhos vistos, graças á actividade e á energia dos seus habitantes, e á sua posição topographica, que a transformou em um dos centros commerciaes de uma rica provincia.

A cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, dista 8 leguas da cidade do Rio Grande e 45, pouco mais ou menos, da de Porto Alegre.

Em 1780 havia no seu territorio apenas uma fazenda, onde viviam 150 familias que, durante alguns mezes do anno, se empregavam em preparar carne secca, e no resto do tempo em cultivar a terra e crear gado.

Edificando-se ali uma egreja com a invocação de S. Francisco de Paula, foi ella elevada á cathegoria de parochia em 1811, e tres annos depois avaliava-se a população em 2:449 habitantes.

Em 1830 foi-lhe dado o titulo de villa, e posteriormente o de cidade.

Pelotas possue hoje importantes edificios, tornando-se notavel, entre elles, o palacio da Camara Municipal, construcção moderna e verdadeiramente elegante.

UM CONSELHO POR SEMANA

RECEITA PARA LAVAR RENDAS

Passam-se as rendas a ferro quente; dobram-se em seguida, em muitas dobras, e depois cosem-se n'um pequeno sacco de panno branco. Colloca-se este sacco, durante 24 horas, em azeite de oliveira puro, e depois faz-se ferver em agua de sabão, por espaço de 15 minutos. Decorridos elles, enxagua-se em agua morna, e mergulha-se depois em agua amidonada.

Feitas todas estas operações, tiram-se as rendas do sacco e põem-se a seccar, estendidas sobre uma toalha, pregadas com alfinetes.

EM FAMILIA

CHARADAS

NOVISSIMAS

E' grego este doido pelos cavallos—2—4.
Nota que este condemnado tem muita força—1—3.

X. Rodrigão.

Este adjectivo ali, na margem, serve para pernoitar—2—1—1.
No começo da musica e no Colyseo causa riso—1—1—1.
Este fructo em março é sobejo d'outro fructo—2—1.
E' de barro e constipa este instrumento de marceneiro—2—2.

Beja. David Galheto.

EM VERSO

(Ao meu amigo A. Meruje)

Na primeira vertical
Se uma lettra interpozer,
Verá que logo lhe fica
Certo nome de mulher.

Mas assim, tal como está,
Sem alteração fazer,
Um carnivoro verá
Ante si logo appar'cer.

Na segunda vertical
Sem tirar lettra nem pôr,
Logo veremos um movel,
Mas um movel sem valor.

A primeira horisontal
Distinctivo quer dizer.
A segunda horisontal
No jogo podemos ver.

Na primeira diagonal
Aleijado encontraremos;
Na segunda diagonal
Uma visagem teremos.

Castello Branco. Xavier Rodrigão.

ESTATUA DE LUIZ DE CAMÕES

RETRIBUIÇAO

(Ao Pequeno Antoninho)

Estava muito longe de esperar,
meu eximio collega, um tal favor!
uma charada sua ir dedicar
a mim, um charadista semsabor!

Mas agradeço, e muito. Em recompensa
aqui tem esta, que de nada val;
com certeza não sabe a pena immensa
que tenho de a fazer assim, tão mal!

Mas lá vae, e desculpe. Era uma vez
n'uma aldeia, p'r'ás bandas de Palmella,
uma mulher perversa, e tão má rez
que ninguem 'stava bem proximo d'ella—1.

Roubos e mortes lhe imputava a gente,
temida sempre, embora desprezada...
(Fallo por tradição, que felizmente
não *travei relações* com tal damnada!)—3

Um dia presa foi. Todos folgaram
e houve universal contentamento;
e mais ainda quando lhes contaram
que tinha tido fim no passamento.—2

Acabou-se a charada. Por conceito
francamente não sei que faça ou diga...
a não ser que o conservo aqui no peito
por seu favor que muito e muito obriga.

E. PANCADA.

LOGOGRIPHOS

(POR LETTRAS)

(A Matheus Junior)

Havia, em certo convento,—2, 4, 4, 2, 11, 5, 10, 15, 2.
uma planta bem vulgar,—15, 2, 6, 10, 2.

onde pousava este insecto—2, 4, 12, 6, 7, 2.
e esta ave ia cantar—11, 9, 13, 14.

Mas vendo mulher formosa,—4, 12, 6, 11, 2, 13, 5
que soltava esta canção,—4, 2, 6, 6, 2, 11, 2
a pobre planta, já murcha,—2, 6, 7, 14
quiz ter vigor, mas em vão.—11, 5, 4, 2, 6, 11, 12

P'ra dar o conceito
d'este logogripho,
virei pol-o em grypho
por ser mais seguro:
—Procurae nas mesas
ou em um pomar,
que haveis d'encontrar
um fructo maduro.

Castello Branco. A. MERUJE.

Mostrando que formo um circulo - 6, 4, 9, 7, 2, 17, 4
E n'esta bem recostado,—8, 4, 13, 9, 6, 4, 2, 16
Lá na Africa ou Brazil—8, 16, 3, 4, 11, 18, 12, 6, 16
Hão de ver-me apatetado—1, 15, 14, 4, 9, 16

Perdeu-me a minha ambição,—14, 3, 16, 6, 4
A pedir sem ter que dar;—8, 18, 13, 12, 2, 9, 5, 16
Procurando na rhetorica, - 9, 6, 4, 8, 4
Teve de a ir consultar.—8, 4, 15, 16, 13, 10, 5, 12, 16

Em doce arrulho amoroso—14, 17, 1, 13, 10, 4
Se vê o nosso mais querido,—15, 10, 13, 18, 3, 9, 4
Por se andar a lamentar—7, 13, 7, 13, 16, 5
E ser nome conhecido. 9, 1, 11, 7, 5, 3, 10, 4

O conceito... é como vês;
Denota grande honradez.

TIC-TAC.

CARTA-LOGOGRIPHO

Amigo Cardoso

Castello Branco, 1.º—86.

Espero te 5, 4, 7, 6 no Pardal, ás 6, 8, 1, 4, sem falta, para 9, 5, 8 tomarmos um 7, 4, 5, 3 de 1, 2, 3, como dizem os francezes, e jogarmos depois o 5, 6, 1, 4, em companhia d'alguns estudantes de 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9.

Teu amigo obrigado,

XAVIER RODRIGÃO.

PROBLEMA

Achar a condição a que deve satisfazer o numero de cartas d'um baralho, para que as collocadas primitivamente nos lugares *m* e *n*, occupem os lugares *n* e *m*, depois de baralhadas uma vez pelo processo dos dois problemas anteriores.

M. D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS NOVISSIMAS: — Cyanometro - Serradura - Capoeira - Lisboa - Romaria - Piolho - Acrobata—Pope—Seresma—Ricardo.

DAS CHARADAS EM VERSO:—Pataco—Felismina.

DO ENIGMA:—Thomaz Antonio Ribeiro Ferreira.

DO PROBLEMA:

Supponhamos que são 8 as cartas. Os numeros

1 2 3 4 5 6 7 8
8 6 4 2 1 3 5 7

representam a primeira disposição e a que ellas adquirem depois de baralhadas uma vez; e baralhando-as mais vezes teremos outras linhas horisontaes; mas é evidente que os numeros que se correspondem, em duas d'ellas, na mesma linha vertical, corresponder-se-hão sempre em outras quaesquer duas, dando-se comtudo a correspondencia em linhas verticaes de ordem differente. D'isto se conclue que a terceira linha deve começar por 7; a quarta por 5, e a quinta por 1, e é por tanto necessario baralhar 4 vezes as cartas para as ter n'uma disposição cuja primeira carta seja representada por 1, isto é, com a disposição primitiva.

Do mesmo modo se raciocina com outro qualquer numero de cartas.

A RIR

Calino exclamava n'um accesso de melancholia:
—Como a gente que não veiu ao mundo é feliz!

*

Os ultimos momentos de um condemnado á morte:
O *padre ao paciente.*—Coragem, meu filho!
O *paciente.*—Sinto-me desfallecer. Tomaria de boa vontade alguma coisa.
O *padre.*—Coragem! dentro de alguns minutos estará almoçando com os anjos.
O *paciente.*—Porque me não faz vossa reverendissima a esmola de ir adiante e mandar pôr a meza?!!

*

Em casa de um usurario:
—Por que juro me empresta o sr. 50 libras?
—A 9 por cento, e nada menos. E' o juro ordinario.
—Mas é um despreposito!
—Ora!
—E não receia o despreso dos seus concidadãos?
—Qual!
—Nem a justiça de Deus?
—Deus está muito alto: e lá de cima verá o algarismo invertido: tomará o 9 por um 6!

*

Depois de alguns annos de apartamento, um sujeito encontra uma dama que elle muito apreciou. Ella conserva-se bastante formosa. O sujeito invoca recordações.
—De nenhum modo, diz ella, tudo entre nós acabou. O meu coração está morto e bem morto.
—Pois bem! n'esse caso, observa elle tristemente, deixe-me chorar ainda uma vez sobre a sua sepultura!

MAGDALENA

Pelas onze horas da manhã de um formoso dia de verão, o paquete *Nelson*, procedente do Rio de Janeiro, livre dos pelagos d'esse oceano immenso que outr'ora chamaram *Tenebroso*, crusava a barra de Lisboa. A luz, emergindo em fartos jorros de um sol tropical, punha transparencias de prata no Tejo, bonançoso como um simples lago; e a magestosa rainha do occidente, envolta na neblina diaphana das grandes cidades, surgia como um colosso na margem direita, apontando para o fundo anilado do firmamento os pincaros das suas sete montanhas enramilhetadas de casaria.

O *Nelson* singrava graciosamente por entre um enxame de barquinhos de todas as especies, estendendo pelos ares um airoso penacho de alvacenta fumarada, e esboçando, na superficie espelhada do rio, o sulco argenteo da sua esteira.

A bordo notava-se aquella animação *sui-generis* dos passageiros, proximos a tocarem o termo de uma grande viagem.

Rostos radiantes, phrases cheias de alacridade, gesticulações nervosas e enthusiasticas, eis a feição caracteristica dos grupos compactos reunidos na tolda.

A' parte muitos outros sentimentos, a curiosidade representava tambem um importante papel n'aquellas expansões.

Os jornaes tinham fallado em importantes melhoramentos na capital. Elle eram avenidas extensissimas, á moda pariziense, arruamentos arborisados e perfeitamente rectilineos, soberbos monumentos de gloria nacional, sumptuosos edificios de architectura moderna, *trottoirs* londrinos, jardim de acclimação... emfim, um nunca acabar de seductoras maravilhas!...

E todos aquelles homens sequiosos de novidade, antegozavam já a bella perspectiva que por ventura se lhes depararia, ao pôrem o pé na sua querida capital, enfeitada e garrida como uma *coquette* que vai pretender.

Mas havia alli, entre aquella chusma de felizes, um pallido mancebo dos seus vinte e cinco annos, que punha a nota discordante no meio da jovialidade geral.

Melancolicamente encostado á amurada de bombordo, e em attitude profundamente contemplativa, aquelle homem dir-se-hia a estatua da meditação.

Debalde o observador indagaria nas suas feições immoveis, quasi sombrias, o fulgor de uma alegria.

Fictava sem cessar a altiva cidade, cujo amphitheatro grandioso se desdobrava ante seus olhos apagados, e de quando em quando, como se esta contemplação o fatigasse, baixava a cabeça sobre o peito, e os seus labios entreabriam-se então, deixando passar um tenue suspiro, sem duvida o desalento de uma alma soffredora!

Singular contraste com o ruidoso meio que o envolvia!...

Todos fallavam, tudo se movia n'uma azafama indiscriptivel, só elle ficava silencioso e immobilisado!...

O paquete parou, emfim, emquanto d'elle se avisinhavam muitos barcos atulhados de familias, que no auge da anciedade apressavam d'esta forma o feliz momento dos encontros.

Minutos depois, toda aquella gente, os que chegavam e os que tinham ido esperar, confundia-se n'um ajuntamento commovedor, e as affeições intimas explodiam nos longos abraços e nos beijos effervescentes!

Ah!... Nem uma d'estas doces caricias pertenciam ao moço viajante de que fallamos... Recolhido no seu triste isolamento, assistia a este quadro pathetico, com as lagrimas que não podia evitar a borbulharem-lhe nos olhos, e o peito a crescer-lhe no arquejar offegante das commoções violentas!...

*

Eduardo, chamava-se assim, era uma grande alma, cheia de nobreza e desinteresse, capaz dos mais delicados sentimentos e das mais sublimes abnegações.

Aos quinze annos, o braço prevaricador da Fatalidade orphanara-o do unico ente que tão bem sabia compr hendel-o—sua mãe, senhora virtuosissima que, escudada pelo mais puro de todos os amores, jámais descurara a educação moral de seu filho, cathechisando-o na sã pratica da justiça e do dever.

Aos dezesete annos já Eduardo amava! ..

Vira-a um dia n'uma egreja de Lisboa.

A aureolante formosura de Magdalena, vagamente suavisada pela uncção mystica d'aquelle recinto religioso, não passou desepercebida ao adolescente, que recolheu a casa bastante impressionado.

N'aquella noite teve sonhos deliciosos povoados de visões encantadoras, á testa das quaes fulgurava, como rainha, a bella devota!

E no domingo seguinte, Eduardo voltava á egreja, na febril esperança de um novo encontro.

Ella lá estava no mesmo sitio, mais irresistivel que nunca, seraphica e vaporosa como uma visão paradisiaca, e elle fictava-a... fictava-a sempre!...

Quanto mais olhava, mais sede tinha de olhar e maior era a influencia que a deslumbrante belleza da joven produzia no seu espirito.

Esta, com a adoravel perspicacia das mulheres, comprehendeu que era alvo de uma contemplação persistente, e no intimo sentia-se regosijada.

Impellida por uma curiosidade natural, porque sabendo que era formosa, gostava de conhecer os seus admiradores, voltou-se para o lado onde estava Eduardo, e então os seus olhos negros, onde havia scintillações velludineas, encontraram-se com os olhos ardentes do mancebo.

Aquelle olhar demorado, eloquente, foi, por assim dizer, o elo magnetico que prendeu as duas almas, e iniciou uma serie de entrevistas platonicas, em que os juvenis amantes diziam muito um ao outro, sem que todavia os labios se movessem! .. Eduardo, naturalmente timido como todos os collegiaes, nunca se aventurou a dirigir uma palavra a Magdalena, mas pensava n'um outro meio de communicar as suas impressões, que não fosse a simples linguagem dos olhos.

Esta idéa levou-o um dia a escrever uma carta, soffrivelmente incendiaria, na qual o fogoso adolescente, em rendilhados de phrase dignos de um poeta, tecia a confissão ingenua de um amor intenso.

Só depois de oito longos dias de anciedade é que elle poude haver ás mãos um bilhetinho perfumado e elegante, que lhe devia proporcionar o mais ineffavel de todos os gozos, tal é o de conhecermos que os nossos affectos encontram echo n'outro coração! Concebe-se facilmente o enthusiasmo, o louco delirio de Eduardo, ao cobrir de beijos a gratissima prova da sua ventura!...

O pobre moço ignorava então que as felicidades são muitas vezes como esses meteoros que scintillam um momento e desapparecem logo para sempre!...

Cedo os acontecimentos viriam provar a realidade cruel d'esta verdade.

*

Por esse tempo, o pae de Eduardo foi accommettido de uma gravissima enfermidade que o devia levar ao tumulo.

Sentindo já a algidez da morte enregelar-lhe o corpo alquebrado e envelhecido por um longo soffrimento, chamou um dia seu filho, de quem exigiu o juramento de partir para o Rio de Janeiro, logo que elle baixasse á sepultura.

—Irás para casa de teu tio, que te é devéras affeiçoado e que cuidará com desvelo do resto da tua educação, dissera o velho com voz entrecortada pela agonia dos moribundos.

Pobre rapaz!...

A estima e veneração que sempre tributara áquelle ente querido, prestes a transpôr os humbraes da eternidade, obrigava-o a nada menos que ao sacrificio das suas bellas illusões, mortas quando apenas desabrochavam, ao aniquillamento dos seus sonhos de felicidade, do seu amor, da propria vida que elle sentia ser impossivel nas plagas longiquas para onde o enviava a ultima vontade paterna! ..

Ficar... Que mundo de suavissimas emoções lhe não segredava aos ouvidos aquella palavra tentadora... Mas, partir,... seria tambem a sua libertação moral!... Não teria de arcar mais tarde com o implacavel anathema do perjurio!

E elle sentia esvair-se-lhe o cerebro n'este dualismo de sentimentos egualmente poderosos, n'este dilemma crudelissimo em que, por qualquer dos lados, a Fatalidade o espreitava sempre!...

*

Um mez depois do fallecimento do pae, Eduardo, a bordo de um vapor que o devia transportar ás florestas invias do Novo Mundo, enviára o seu ultimo adeus, de saudade immarcessivel, á terra ditosa onde deixava o melhor e o mais precioso da sua existencia:—o coração!

*

Decorreram oito annos, e, durante esse longo curso de tempo, o nosso heroe não conseguiu obter uma unica noticia de Magdalena.

Debalde se cançava em escrever cartas e cartas; nem uma linha de resposta vinha minorar o horrivel supplicio em que vivia!

Os seus melhores momentos passava-os na praia, sentado n'um rochedo solitario, junto do mar, que se quebrava a seus pés em vagalhões espumantes, deleitando-se com o vozear melancolico da rossaca, á qual, elle, no seu devanear eterno, pedia novas de longe!

A's vezes as ondas, no marulhar altisôno, tinham clamores funereos que despertavam no proscripto vozes interiores de presentimentos tristes.

E elle pensava então na morte, que só poderia explicar o silencio da sua amada.

—Sim, dizia muitas vezes, *ella* que não corresponde ás minhas supplicas ardentes, é porque morreu!...

E pouco a pouco se foi convencendo d'esta triste realidade, a unica que elle, inexperiente do mundo e das frivolidadss do coração feminino, podia comprehender!

Sem esperanças, sem illusões, sem coração..., o que lhe restava?...

Guardar no mais recondito do sêr as cinzas do seu fatal amor, e morrer com ellas!...

*

Fiel á recordação do anjo que para sempre perdera, Eduardo nunca mais teve um momento de alegria.

Embevecido na contemplação estatica do ideal, como o poeta do Chatterton, vivia, por assim dizer, separado das cousas mundanas, esquecido quasi da sua propria pessoa.

As mulheres do sitio, mais vaidosas que bonitas, em vão tentavam, por uma mimica *coquette*, requestar aquelle coração gelado.

Eduardo, impassivel para tudo, só tinha um sorriso de despreso, que bem podia traduzir-se assim:

—Ella era mais formosa!...

Buscando sempre a solidão, mãe dos devaneios, como lhe chamou Alexandre Dumas, votara a sua vida aos livros, seus bons amigos, e ás recordações, as suas melhores companheiras.

E assim foi correndo o tempo até ao momento em que o vimos a bordo do *Nelson*, de regresso a Lisboa, onde o levava o desejo ardente de tornar a vêr o theatro dos seus amores e o de regar com lagrimas o tumulo de Magdalena!

*

Emfim!

Estava junto do templo onde gosara os melhores momentos do sua vida! Como elle se recordava...

Eram os mesmos rendilhados archetectonicos, as mesmas esculpturas artisticamente cinzeladas, os mesmos campanarios, o mesmo portal bordado de primorosos lavores que outr'ora dera ingresso á doce Magdalena!

Eduardo encarava com ternura infinita todos aquelles detalhes da fachada, dissecando-os. por assim dizer, para em cada um d'elles encontrar uma nova recordação!

Entrou. Uma sensação rapida de frio congelou-lhe o sangue nas veias. Affigurou-se-lhe que entrava n'um cemiterio!

As columnatas gothicas, destacando do escuro a alvura mate do Carrara, tinham reflexos sinistros de horridos phantasmas, e o ruido dos passos de Eduardo, sob o mosaico sonoro da nave, despertava os echos nos recessos mysteriosos das abobadas, produzindo um não sei quê de funebre, que arripiava.

O visitante estava junto da mesma columna onde, em outro tempo, esperava Magdalena, e então, ao attentar no vacuo horrivel que a ausencia d'esta deixara n'aquelle recinto, ajoelhou instinctivamente, e os seus labios ciciaram uma oração, pelo descanço eterno do anjo que voára!...

. . . .

Ao sahir do templo, Eduardo trazia impresso no rosto o abatimento mortal, a dôr d'alma dos condemnados na vespera do supplicio!...

*

A' noite, sahiu. As emoções que experimentara n'aquelle dia tinham-n'o excitado bastante para que podesse sentir-se bem entre as quatro paredes do seu quarto.

A lua, testemunha discreta dos mysterios nocturnos, desfazia-se lá em cima, em torrentes de uma luz crystallina, que espalhava pelas fachadas dos edificios uns contrastes deliciosos de claros escuros.

Eduardo deixava-se ir automaticamente pelo *trottoir*, arrepelado pelos passeantes.

Subito, deteve o passo. Estava á porta de um theatro, e o nome de

CASA DA CAMARA NA CIDADE DE PELOTAS

Magdalena,

escripto a grandes lettras pretas no cartaz, despertara-lhe vivamente a attenção.

Era a festa artistica de uma actriz d'aquelle nome, que devia ser bastante estimada, a julgar pelo assalto que publico fazia ao *guichet* do camaroteiro.

Eduardo, sem talvez ter a consciencia do acto que praticava, comprou um bilhete.

Lá dentro fervilhava uma multidão enorme.

Estavam alli representadas todas as classes sociaes, desde a *jeunesse dorée* dos salões aristocraticos, que vinha prestar o seu tributo de admiração á famosa estrella do mundo scenico, até ao simples burguez, que comprou *uma geral*, levado pela innocente esperança de uma noite bem passada.

O nome da rainha da festa corria de bocca em bocca, como o objecto constante de todos os pensamentos.

Na platéa formavam-se grupos animados, onde promiscuamente se elogiava os dotes plasticos e os recursos artisticos da diva, chegando-se, até, a proclamal-a a um tempo como a formosura mais scintillante da época e a futura rainha do palco.

A Magdalena fôra distribuido o papel de protogonista do drama, Messalina polluida de vicios e podridões, que subitamente se deixa avassalar por uma paixão erotica. Como vêem, uma especie de Margarida Gauthier.

E emquanto os *reporters* do jornalismo preparavam os respectivos lapis para as notas *d'après nature*, o publico esperava ancioso o começo do espectaculo; todos tinham pressa de vêr o exito que o talento da gentil actriz tiraria d'aquelle papel de sensação.

Todos... excepto Eduardo que, ao sentar-se com a costumada indifferença na sua cadeira, estava bem longe de participar da excitação geral.

Levara-o alli a melodia de um nome que elle proferira milhares de vezes, e nada mais!

*

O panno subia para o primeiro acto, no meio de um religioso silencio, que se prolongou até á entrada de Magdalena.

Deixemos o publico proromper n'uma ovação estrepitosa de palmas e de bravos, e fixemos as nossas vistas em Eduardo.

Quando a figura graciosa da actriz se desenhou no fundo da scena, o mancebo teve uma convulsão nervosa, e os seus olhos, que um véo sanguineo veio subitamente toldar, fecharam-se um momento.

—Foi uma illusão, disse elle comsigo.

E assim esperançado, reabriu-os logo.

Fugaz esperança, que bem depressa teria de ceder á realidade medonha, esmagadora...

Sim, aquella mulher que elle via no tablado, patenteando os thesouros da sua belleza meio desnudada aos olhares libidinosos da multidão, figurando uma creatura impudente e devassa, sorrindo-se para a turba dos seus admiradores que a cobriam de applausos febricitantes, era *ella*, era a sua Magdalena, a unica mulher que elle amara, por quem depois nutrira um culto santo e que ainda n'aquelle mesmo dia o obrigára a derramar copiosas lagrimas!

O anjo, resurgindo como a Phenix das suas proprias cinzas, tornára-se demonio, e aquelle demonio, depois de lhe anniquilar o porvir, roubava-lhe o passado, a poesia das suas recordações, os enlevos d'ideal que eram a base de todo o seu viver!...

Triste situação a d'aquelle desventurado!

Elle levava as mãos á cabeça congestionada, como se receiasse que alli mesmo lhe fosse estalar; o seu corpo, movido pela tempestade psychologica que lhe lavrava lá dentro até ás fibras mais profundas, tinha fremitos convulsos, espasmos violentos; as feições desfiguravam-se-lhe, contorcidas pela dor pungente, pelo desespero, pela raiva que sentia crescer-lhe contra aquella mulher, que tão cynicamente o mystificara! ..

E para tudo se conspirar contra o desditoso, chegavam-lhe aos ouvidos, como irrisorio sarcasmo ao seu soffrimento, os applausos loucos da multidão hilariante, e frenetica que o rodeava! Era muito para as suas forças depauperadas por oito annos de amarguras!...

Se ali permanecesse mais um minuto, daria um estoiro!

Empregando então um ultimo esforço, deixou aquelle logar maldito, com um vulcão no cerebro e o inferno na alma.

*

Cheio do mais profundo desprezo pela vida que tão triste lhe fôra, Eduardo lançou-se de corpo e alma no lodaçal das paixões crapulosas.

Recordando-se de Baudelaire, embriagava-se com a louca avidez dos que buscam o esquecimento no fundo do copo!

Viam-n'o por toda a parte onde impera o atordoamento, nas orgias desenfreadas, nas casas de jogo, nos *boudoirs* do mundo facil...

Elle bem sabia que estava ali a morte, essa paz seductora que esperava com tamanha anciedade!

D'esta vez a Providencia satisfez-lhe o desejo.

Um anno depois do seu regresso, o desgraçado finava-se, victima da horrivel molestia que matou Edgard Pöe!

DUARTE CID.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros ..	2$080 réis.	Anno, 52 numeros..	10$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	1$040 »	6 mezes, 26 numeros	5$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	520 »	Avulso..	200 » »
No acto da entrega....	40 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA

O PALACIO DA BOLSA DE BRUXELLAS